

Introdução

Anita Helena Schlesener

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHLESENER, AH. Introdução. In: *Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 13-22. ISBN 978-85-7798-234-9. Available from: doi: [10.7476/9788577982349.0001](https://doi.org/10.7476/9788577982349.0001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/y3zhj/epub/Schlesener-9788577982349.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Falar de educação a partir do pensamento de Antonio Gramsci implica, necessariamente, iniciar por sua teoria política, sem a qual a educação perde o seu significado. Como já acentuamos em ocasiões anteriores¹, Gramsci não foi um pedagogo, mas sim um político militante, líder revolucionário cuja atuação marcou a vida política italiana das primeiras décadas do século XX. Dessa perspectiva, seu pensamento é profundamente contextualizado, embora intensamente atual, porque os problemas que aborda e sobre os quais reflete são ainda problemas do nosso tempo, agora redimensionados. Gramsci não foi um liberal e não pode ser lido nem instrumentalizado nessa perspectiva; foi um revolucionário que contribuiu para explicitar, entre outros fatores, a dimensão ideológica da política para ampliar as possibilidades revolucionárias das classes subalternas e é neste sentido que podemos falar de sua atualidade.

Este trabalho apresenta-se como o resultado de pesquisas sobre a questão da hegemonia nos escritos de Antonio Gramsci a fim de explicitar o sentido da educação em geral e a importância da educação escolar na formação dos trabalhadores. Apresenta-se como o resultado de um projeto de pós-doutorado realizado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Concentra-se em especial nos *Cadernos do Cárcere*, selecionando, da ampla produção de Gramsci realizada em confinamento, os escritos que permitem explicitar os conceitos de hegemonia, ideologia e linguagem, que consideramos essenciais para o tema da educação.

A educação é um processo que envolve a vida do sujeito desde o nascimento até a morte, ou seja, educamo-nos no movimento histórico, a partir das circunstâncias econômicas, sociais e ideológicas que caracterizam esse movimento. Na sociedade capitalista, a educação, em geral, é entendida como educação formal e escolar, ou seja, um meio pelo qual o indivíduo adapta-se às necessidades e exigências do modo de produção e é formado para desempenhar funções na hierarquia que separa dirigentes de dirigidos. Essa definição permite explicitar as dimensões da ideologia como forma de sustentar o que se apresenta como relações de domínio mascaradas em

¹ Referimo-nos a pesquisas que realizamos desde 1980 e que se apresentam em publicações em livros, capítulos de livros e artigos em periódicos publicados ao longo desses 36 anos. Posicionamo-nos criticamente a uma leitura liberal de Gramsci, que prevalece no Brasil e que, a partir de nossa leitura do autor, entendemos equivocada. Da mesma forma, embora tenhamos abordado a questão cultural, nossa posição se explicita contra um culturalismo pós-moderno a partir da constatação gramsciana de que tudo é política e história.

consenso passivo, em conformismo ou em relações de subalternidade². Trata-se de refletir sobre o fato de que a educação, no contexto de uma sociedade submetida à lógica de produção do capital, vive em seu âmago uma grande contradição: por um lado, preparar para a vida nessa sociedade voltada para a acumulação do capital e inserção no mercado de trabalho; por outro, criar as condições de emancipação política e cultural das classes trabalhadoras por meio da superação dos limites da alienação vigente, a fim de que tenham as condições de lutar por uma nova ordem social.

A pergunta que se colocava na época de Gramsci e que continua a nos interrogar é se a escola pode tornar-se um espaço importante para a formação dos trabalhadores, a fim de assegurar o desenvolvimento integral de sua personalidade individual no contexto de construção de novas relações de formação coletiva. Essa questão implica considerar o contraditório como parte da vida social e ter no horizonte um projeto alternativo de sociedade, visto que na estrutura social vigente se torna muito difícil pensar e agir em termos de formação para o envolvimento coletivo.

A questão central é compreender as dimensões da ideologia com a implementação de novos mecanismos de sustentação da hegemonia e da dominação capitalista com as novas tecnologias de comunicação de massa. Aprender a dimensão histórica das novas estratégias de dominação que se efetivam no processo cultural e comunicativo a partir da inserção de novas tecnologias de comunicação que alteram o processo cognitivo e sensitivo que minam as condições de formação de um pensamento autônomo e, conseqüentemente, de criação de experiências coletivas.

Os conceitos de hegemonia, ideologia e linguagem se apresentam como pressupostos, porque, a partir da definição de educação acima esboçada, todo o conhecimento tem uma conotação política e, no contexto da modernidade, serve de instrumento para consolidar e manter relações de poder. A noção de hegemonia traz implícito o conceito de ideologia que, no contexto de ampliação dos meios de comunicação de massa, a partir das novas tecnologias, aumentam as possibilidades de dominação por meio da formação do consenso unificado e, conseqüentemente, as condições de subalternidade.

² O conceito “subalterno”, em Gramsci, amplia em muito a noção de classe social. Apenas para sinalizar, salientamos no item ‘A’ a dimensão simbólica e a luta de classes (capítulo III) em que subalterno é o indivíduo dominado, mesmo sem ter consciência disso porque vive em um contexto de extrema alienação. Gramsci utiliza as noções “classes subalternas” e “grupos subalternos”, noções que adotamos aqui e que serão explicitadas no capítulo IV, dedicado inteiramente a refletir sobre esses conceitos e seus desdobramentos na política e na educação.

Nesse contexto de leitura, a crítica da linguagem e de seus efeitos políticos se apresenta como um dos momentos de elaboração do conceito de hegemonia enquanto forma de dominação que se sustenta na direção intelectual e moral, ou seja, na constituição e manutenção de uma elite de intelectuais capaz de elaborar um consenso ou de alimentar o senso comum com fragmentos de culturas mesclados com informações pretensamente neutras a fim de incentivar a aceitação do dado, a naturalização da história, a passividade ante o estabelecido, contribuindo para a estabilidade da prática social.

As reflexões apresentadas nos *Cadernos do Cárcere* retomam algumas ideias produzidas ao longo da militância política de Gramsci e as análises das situações estruturais do capitalismo retomam e ampliam reflexões desenvolvidas em 1926, principalmente em *A Questão Meridional*. Na noção de hegemonia desdobra-se a análise das características dos países de capitalismo avançado, nos quais a classe dominante possui reservas políticas e organizativas que lhe permitem controlar as crises econômicas e conservar-se no poder. Tais reservas se expressam no fato que o aparato estatal serve de mediador no controle das crises e consegue organizar as forças políticas em presença. Nos *Cadernos do Cárcere*, Gramsci esclarece que essa característica se deve à importância que assume a cultura na medida em que as relações políticas se constroem fundadas na ideologia³. Na sociedade capitalista as relações de poder se constroem como dominação econômica que se sustenta e se consolida pela direção intelectual e moral a partir da formação do homem e de sua conformação aos interesses do trabalho. A hegemonia se funda na formação de um modo de pensar e num processo cultural ao longo do qual a classe social no poder consegue a adesão política de grandes parcelas da sociedade.

A direção intelectual e moral apresenta-se como uma das principais condições tanto para a conquista quanto para o exercício do poder,

3 A ideologia tem um caráter de eficácia histórica e política. Já em 1918 Gramsci explicita o conceito de ideologia, acentuando que Marx “é um ideólogo enquanto homem político atual, enquanto revolucionário” e, como tal, “ou seja, homem atual de ação, não pode prescindir das ideologias e dos esquemas práticos, que são entidades históricas potenciais, em formação” (GRAMSCI, NM, 1984, p. 17). No Caderno 4, encontramos uma definição de ideologia referente ao marxismo. Rebatendo a argumentação de Croce, Gramsci afirma: “Para Marx, as ideologias são tudo menos ilusões e aparências; são uma realidade objetiva e operante”. [...] Como Marx poderia ter pensado que as superestruturas são aparência e ilusão? Também as suas doutrinas são uma superestrutura. Marx afirma explicitamente que os homens tomam consciência de suas tarefas no terreno ideológico, das superestruturas, o que não é pequena afirmação da ‘realidade’. A sua teoria quer exatamente ‘fazer tomar consciência’ das próprias tarefas, da própria força, do próprio dever de um determinado grupo social. Mas ele destrói as ‘ideologias’ dos grupos sociais adversários que, na verdade, são instrumentos práticos de domínio político sobre o restante da sociedade” (GRAMSCI, Q. 4, p. 436-437).

constituindo-se no elemento que materializa a dominação e a subalternidade por meio da formação do modo de vida. Gramsci já alertava para a importância dos jornais na formação da opinião pública e, com os novos meios de comunicação de massa, as condições de consolidação da hegemonia por meio da formação de um horizonte ideológico⁴ unificado que fundamenta o modo de pensar das classes subalternas tomou proporções inusitadas.

Para avaliar a densidade política da noção de hegemonia e como a noção de ideologia faz parte de sua estrutura é necessário ter presente o pano de fundo das reflexões de Gramsci: por um lado, as revoluções do período da Revolução Francesa e de 1848 a 1871, que culminaram no fracasso da Comuna de Paris. Por outro lado, as revoluções passivas que se consolidaram a partir das alianças da burguesia com as classes conservadoras a fim de vencer o movimento operário ascendente. A composição passiva de acordos políticos para consolidar ou manter a hegemonia tornou-se característica específica da estratégia burguesa no século XX para a solução de crises capitalistas e enfrentamento dos conflitos e da luta de classes. As condições de manutenção da hegemonia mesmo em momentos de grande crise econômica se viabiliza a partir da ideologia como prática de poder.

O objetivo geral desse estudo é partir do conceito de hegemonia a fim de compreender como, no conjunto das relações de forças que constituem a estrutura da sociedade capitalista do século XX e XXI, se explicita a noção de ideologia e seus desdobramentos na formação do senso comum. Nessa senda, pretende-se aprofundar a noção de linguagem, a fim de esclarecer os significados dos conceitos em pauta como estratégias políticas de enfrentamento dos conflitos e de desconstrução da hegemonia dominante. A partir desses fundamentos, pretende-se demonstrar a importância da educação no contexto das relações de hegemonia, principalmente para os subalternos.

A linguagem é, pela formação do senso comum, veículo de difusão de uma ideologia unificadora, por meio da fragmentação do pensamento ou pela divulgação de elementos dispersos e parciais, que escondem as desigualdades sociais e culturais; mas pode ser também instrumento importante para a obtenção de uma nova unidade cultural a partir da organização

4 A expressão “horizonte ideológico” se concretiza na forma de hegemonia burguesa caracterizada como uma ordem social que, para se consolidar, elaborou uma racionalidade que possibilitou construir os aparelhos materiais de produção e “também suas premissas ideológicas-políticas”. Para tanto, “destruiu toda a institucionalidade anterior”, compreendendo não apenas a sua forma jurídica, mas o adensamento da rede de práticas que constituem, a um só tempo, a individualidade e o coletivo. Esse processo acarretou a naturalização das relações em geral com repercussões na formação do modo de pensar da sociedade, consolidando a total expropriação das classes subalternas: da sua “identidade, dos instrumentos de produção, do conhecimento e dos saberes” (DIAS, 1999, p. 39-40).

política dos trabalhadores e da superação do silêncio ao qual são reduzidos a partir da assimilação de uma linguagem unificadora. Gramsci intuiu a importância da formação de um pensamento articulado a partir da cultura popular e da organização política dos trabalhadores; somente a organização política permite superar as limitações culturais impostas pela hegemonia dominante, a partir da explicitação das contradições que permeiam o social e da formação de uma concepção crítica e coerente. Conforme Eagleton (1996, p. 196-197), Gramsci ampliou, por meio do conceito de hegemonia, a noção de ideologia, que tomou “corpo material e agudeza política” ao ser transposta para a prática social cotidiana podendo abranger “dimensões inconscientes e não articuladas da experiência social”.

Na luta pela hegemonia a linguagem (e, como sua base, a educação em geral) é um instrumento de unificação de uma vontade nacional e esse trabalho é feito pelos intelectuais. A tendência a formar uma elite distante do povo dificulta, para as classes dominantes, manter a hegemonia. Em geral, com o desenvolvimento do capitalismo e a inserção de novas tecnologias de comunicação de massa, bem como com a subordinação dos agentes de comunicação às empresas que os empregam, resolveu-se em grande parte o problema. A produção de um mercado de consumo de cultura de massa (cinema, novelas, best-sellers, etc.) sedimenta a hegemonia a partir da formação de um pensamento homogêneo, que se traduz em comportamentos adequados aos objetivos da hegemonia.

Ora, superar a fragmentação e as contradições da própria concepção do mundo e elaborar uma consciência crítica só pode ser efetuado em grupo, num movimento de organização política, com projetos sociais definidos, processo que passa pela ressignificação da linguagem e aprofundamento do conhecimento da língua nacional. Mesmo quando se assimila a concepção do mundo hegemônica, se possui uma “concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontinua e ocasionalmente”. Enquanto não se desvela o embrionário, fato que só pode ocorrer num movimento político organizado, o subalterno “toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão e de subordinação intelectual, uma concepção do mundo que lhe é estranha”, ou seja, que não expressa o seu cotidiano e seus interesses de classe (GRAMSCI, 1978, Q. 2, p. 1379)⁵.

Essa questão torna-se fundamental, porque a fragilidade dos subalternos se determina pelo fato de que não possuem uma concepção do mundo

5 A partir deste momento citaremos os *Cadernos do Cárcere*, de Gramsci, apenas por Q., número do caderno e página da Edição que temos em mãos: Torino, 1978.

bem elaborada, que expresse seus interesses e suas práticas de classe. Daí a importância da cultura e da educação, bem como da atuação dos intelectuais no contexto do pensamento de Gramsci.

Cabe acentuar que (e essa nos parece ser a grande importância da noção de hegemonia) embora os meios de comunicação de massa consolidem um pensamento homogêneo, um consenso total e cristalizado não existe e a sociedade, em qualquer momento histórico, a bem dizer, vive diferenças ideológicas e visões conflitantes da realidade, que tomam proporções de enfrentamento e de tensão profunda conforme os movimentos de organização política das classes subalternas. É nos momentos de crise econômica e política que as contradições emergem e os conflitos podem tomar proporções radicais, levando a situações em que um consenso se torna impossível. Os caminhos de transformação dessa realidade passam pela apropriação dos mecanismos de direção cultural, de formação intelectual e moral da sociedade, colocando em evidência a educação no contexto das relações de hegemonia.

No caso brasileiro, se pensarmos nos altos índices de analfabetismo (também funcional) entre as classes populares e nas dificuldades de estabelecer a relação entre alfabetização e letramento, enquanto domínio efetivo dos códigos de conhecimento, podemos formar uma ideia da extensão do problema. A inserção de novas tecnologias no processo de educação, sem as bases essenciais do letramento, atua para aumentar as desigualdades sociais.

Na luta pela hegemonia a questão do conhecimento e da linguagem são fundamentais para a conquista da direção intelectual e moral da sociedade. Daí a força hegemônica que emana do controle dos meios de comunicação de massa e da formação de um consenso passivo; no contexto da mundialização do capital e da fusão das grandes potências midiáticas, o controle autoritário e imperialista se instaura de modo sutil e quase imperceptível. Desconstruir esse processo e gerar as condições de transformação social apresenta-se como o grande desafio que, a partir dos escritos de Gramsci, passam tanto pela organização política dos trabalhadores quanto pela formação cultural.

Ora, no contexto das relações de hegemonia e da correlação de forças que caracteriza a luta de classes, o fato de a linguagem ser metafórica permite ressignificar as palavras conforme o momento histórico e a relação de forças em presença, ou seja, assim como os dominantes instrumentalizam a linguagem e a cultura para fins do exercício do poder, a organização política das classes subalternas se apresenta como o meio para elaborar a

sua concepção de mundo, a sua cultura e a sua linguagem, para assim se apropriar do conhecimento historicamente produzido. Sabe-se que se trata de uma relação extremamente desigual, mas a criação de formas de resistência não é impossível. O possível precisa ser construído a partir da leitura crítica das condições presentes, ou seja, trata-se de inventar, no interior da ação e do discurso burguês, uma nova concepção de mundo a fim de romper os elos de subalternidade tirando proveito das possibilidades metafóricas da linguagem a fim de refutar com destreza o universal legitimador do pensamento único e retomar o conhecimento na sua dimensão histórica.

A questão a ser enfrentada em se tratando da educação é mostrar que, na história, o controle do conhecimento e sua expressão sempre pertenceu aos grupos dominantes representados por elites intelectuais; na sociedade moderna, mais do que nunca, esse poder se multiplicou com a inserção das novas tecnologias de comunicação, de modo que as classes trabalhadoras, para vencer as lutas políticas, precisam se reconhecer no movimento contraditório de construção da sociedade e, para isso, necessitam dominar o conhecimento historicamente produzido para enfrentar o dominador no seu terreno. Gramsci percebia a importância da educação no contexto das relações de hegemonia enquanto caminho de construção da identidade de classe. Para as classes trabalhadoras do início do século XX, a luta pela hegemonia implicava necessariamente fazer a sua leitura da história, a fim de identificar-se como classe e apresentar-se como projeto político e social revolucionário. Esse é o significado pedagógico da organização política, que incluía todas as instituições educativas criadas no movimento de organização da luta de classes.

A metodologia se identifica tanto nos pressupostos teóricos acima esboçados e que se caracteriza na compreensão do particular articulado a uma “base histórica que contenha as premissas materiais” em seu desenvolvimento histórico, a fim de entender o que se esconde por trás das aparências e elaborar um pensamento crítico no qual “dedução e indução sejam combinadas”, assim como identidade e diferença, positivo e negativo, abstrato e concreto, sempre com referência ao contexto histórico (Q. 1, p. 34). O trabalho continua sendo o elemento central de socialização e a partir dele se instituem os modos de vida. Mas entender o movimento histórico no qual se produzem e se diversificam as práticas individuais e sociais implica superar as aparências buscando explicitar as relações contraditórias que elas encobrem. A insistência de Gramsci no rigor metodológico, na disciplina como o caminho para construir as condições de liberdade, na aprendizagem

a partir da historicidade da sociedade, que se torna necessário reconhecer na prática cotidiana de relações que viabilizem a emancipação, são algumas das características da sua concepção de educação que acentuam a relação entre política, história e educação.

Educar-se, para as classes trabalhadoras, da perspectiva gramsciana significa superar as formas de subalternidade. Tendo como pressuposto a dimensão política da cultura e seu lugar na construção e manutenção da hegemonia, uma das formas de subalternidade consiste em permanecer nos limites do cotidiano, presos ao trabalho e à reprodução da vida, ou seja, à materialidade imediata nos limites da ordem instituída ou, no dizer de Gramsci, nos limites do econômico-corporativo. Essas são as bases para o consentimento, que pode não ser consciente, visto que uma das características da subalternidade é a ausência de autonomia na medida em que, a partir da veiculação de um discurso unificado e naturalizado (principalmente pelos meios de comunicação de massa), subtrai-se do indivíduo a capacidade de articular o seu próprio pensamento de modo autônomo.

Diante desse quadro cabe perguntar: como a escola poderia fazer frente a essa situação para criar as condições de formação de um pensamento autônomo? Além de possibilitar o acesso aos códigos e métodos necessários para ler o real, a escola precisaria criar as condições para o indivíduo se apropriar desse real, ou seja, apreender o conhecimento em sua historicidade. Uma das condições iniciais é superar a crença em uma neutralidade do conhecimento, que determina o que e como pensar, para esclarecer sempre de que ponto de vista se fala e em que contexto tal pensamento se insere (para identificar o embate de ideias). Outra, seria superar os limites do campo discursivo hegemônico (positivista), para que o indivíduo possa pensar a sua experiência social e a sua historicidade.

A partir dos pressupostos gramscianos aqui definidos nos conceitos de hegemonia e ideologia tem-se condições de entender a dimensão política da educação em geral e da escola em particular. A escola tem uma função no contexto e nos limites postos pela sociedade instituída, mas considerando-se a correlação de forças que caracteriza a construção da hegemonia, pode-se tentar tornar a escola um possível espaço de questionamento da realidade e de busca de novos sentidos.

Em momentos de crise como a que se vive precisamos lembrar que Gramsci, na aridez de seus dias no cárcere, acentuava que “mesmo quando tudo está ou parece perdido, é necessário retomar tranquilamente a obra,

recomeçando do início” (GRAMSCI, 1975, carta de 12/09/1927, p. 126). E recomençar significa, a partir dos pressupostos aqui colocados, compreender o real a fim de elaborar uma teoria política comprometida com transformações radicais, para refletir e criticar as contradições que perpassam seu cotidiano e criar novas opções políticas de mudança.

A atuação da escola na construção dessa nova realidade teria que ir muito além de fornecer instrumentos para o aluno desempenhar uma profissão; a escola precisaria mudar em sua estrutura, conteúdos e métodos, para criar as condições para o aluno reconhecer suas raízes culturais e os valores que transcendem seu tempo, a fim de compreender a sua inserção no mundo. A partir dos escritos de Gramsci nos damos conta da dimensão da luta dos trabalhadores e da importância da formação de uma consciência crítica no momento em que a luta de classes assume um caráter mais acentuadamente ideológico e a palavra se torna um instrumento de luta, visto que os projetos que precisam se materializar na vida cotidiana implicam cada vez mais o domínio da linguagem. Conquistar a hegemonia implica formar um consenso ativo, a fim de conhecer e defender-se dos mecanismos de dominação ideológica para superar o silêncio ao qual somos reduzidos como subalternos.

Nessa nova dimensão política, na qual a formação e a cultura assumem uma importância fundamental, a educação escolar precisa renovar-se para contribuir na criação uma nova sociabilidade. A escola pode contribuir para esta formação, desde que se renove internamente: não apenas mudanças estruturais, que permitam o seu melhor funcionamento, mas mudanças qualitativas, metodológicas e curriculares, que a tornem novamente atraente e importante para as classes trabalhadoras. Esse é um tema que os educadores precisam enfrentar com urgência e Gramsci nos fornece elementos de apoio para essa reflexão.

A estrutura desse trabalho segue a seguinte trajetória:

O primeiro capítulo aborda a questão da hegemonia tanto na crítica gramsciana ao liberalismo quanto na proposição de subversão da praxis identificada por Gramsci na luta de classes e na organização política dos subalternos. O segundo capítulo trata das dimensões da ideologia a partir da leitura gramsciana de Marx e das análises da estrutura econômica e social do início do século XX; a partir desse contexto, observações sobre as novas dimensões da ideologia em nosso tempo e a importância da educação. O capítulo III aborda a questão da linguagem, seus significados e sua

dimensão política na luta de classes. O quarto capítulo explicita a noção de subalternidade e o capítulo V retoma a questão da educação em geral e a especificidade da educação escolar, bem como sua importância na formação dos trabalhadores.